
POR QUE A ESCOLA NORMAL DE ITAPETININGA FOI BATIZADA DE PEIXOTO GOMIDE?

FORTUNATO, Ivan¹

Recebido em: 2016.08.14

Aprovado em: 2017.03.16

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.1743

RESUMO: O objetivo deste artigo foi esclarecer o significado de Peixoto Gomide à cidade de Itapetininga, São Paulo, Brasil, pois seu nome está gravado em uma avenida, uma praça e na mais antiga e notória escola estadual da cidade. Para desenvolver este trabalho, recuperou-se parte da escassa bibliografia histórica sobre Itapetininga, cujo acervo foi localizado por meio do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga, o IHGGI. Fotografias atuais dos espaços públicos que afixam o nome de Peixoto ajudam a balizar o estudo. Ao final, evidencia-se a importância da escola à cidade, destacando que o batismo do prédio histórico pode ter sido um tributo advindo do clientelismo político e da referência do político à educação estadual, pois sua relação com Itapetininga foi mínima.

Palavras-chave: Fernando Prestes. Patrimônio. Memória.

WHY WAS ITAPETININGA'S NORMAL SCHOOL NAMED AFTER PEIXOTO GOMIDE?

SUMMARY: The purpose of this paper is to enlighten the meaning of Peixoto Gomide to the city of Itapetininga, São Paulo, Brasil, since his name is recorded in an avenue, in a square and in the oldest and well-known public school in the city. To develop this study, we recovered the sparse historical literature about Itapetininga, and its collection was located through the Historic, Geographic and Genealogical Institute of Itapetininga. Current photos of public spaces posting the name of Peixoto help guide the study. At the end, it highlights the importance of the school to the city, noting that the baptism of the historic building might have been a tribute arising from political patronage and the politician reference to the state education since his relationship with Itapetininga was minimal.

Keywords: Fernando Prestes. Heritage. Memoir.

INTRODUÇÃO

Realmente, a grande tendência do povo em geral é olvidar os personagens significativos da vida cotidiana após passadas algumas dezenas de anos, vultos que o tempo faz esmaecer na memória coletiva, personalidades esquecidas, embora designando ruas ou avenidas, participando de um anonimato singular portador de nome e sobrenome (LEMOS, 2000, p. 11).

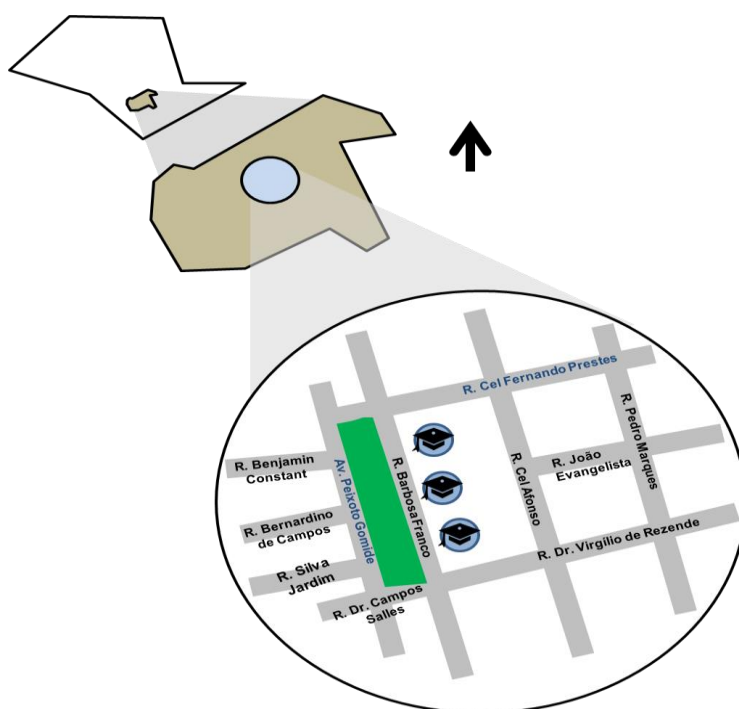
O trecho reproduzido na epígrafe é parte da apresentação que Carlos Lemos (2009) escreveu em um livro sobre Ramos de Azevedo. Neste, há importante constatação sobre este o esquecimento deste que foi um dos mais notáveis arquitetos de São Paulo, sendo um dos responsáveis pela transformação da paisagem da capital, na transição da passagem colonial para a Metrópole do Café, no limiar entre os séculos XIX e XX. Ainda, Ramos de Azevedo teve fundamental participação na criação da renomada Escola Politécnica (onde há um monumento em sua homenagem) da qual foi seu segundo diretor, além de ser imortalizado na capital, dando nome à praça onde está o Teatro Municipal – uma de suas incontáveis realizações.

¹ IFSP Itapetininga

No entanto, este artigo não é sobre Ramos de Azevedo. Curiosamente, é sobre o batismo de uma das poucas obras deste engenheiro-arquiteto-professor realizada fora da Capital, no sertão do estado paulista, na cidade de Itapetininga. Trata-se de um conjunto de Três Escolas estaduais, todas edificadas no mesmo terreno, no centro da cidade: (1) Coronel Fernando Prestes, (2) Adherbal de Paula Ferreira, e (3) Peixoto Gomide. A última, oficialmente criada no ano de 1894, ocupa o edifício central e mais antigo, inaugurado em 1901.

Com isso, a epígrafe que homenageia Ramos de Azevedo serve a Peixoto Gomide de uma forma que vai muito além da mera coincidência: o primeiro immortalizou o segundo, fazendo-o reverberar cotidianamente nessa cidade, no sudoeste paulista, de aproximadamente 150 mil habitantes (figura 01). Além da escola (figura 02), o nome de Peixoto batizou uma avenida muito próxima à escola (figura 03), e à praça que fica em frente às escolas (figura 04).

Figura 01: Localização das Três Escolas em Itapetininga/SP.



Fonte: Croqui sem escala por Ivan Fortunato, base cartográfica google.maps, jan. 2016

Figura 02: Fachada da Escola Peixoto Gomide.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Figura 03: Registro da Avenida.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Figura 04: Praça Peixoto Gomide.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi esclarecer o significado de Peixoto Gomide à cidade de Itapetininga, pois este, de alguma forma, foi um “personagem significativo” de sua história, tendo o registro memorial de seu nome gravado na avenida e na praça, mas, principalmente, na notória Escola Estadual. Talvez as realizações de Peixoto Gomide – a personalidade – não vigorem na memória coletiva da população. A escola, por outro lado, é orgulho e “símbolo da cidade”, qualitativos muito bem delineados por Silva (2014, p. 10) – a professora Cidinha – no depoimento escrito dado aos organizadores da obra “120 anos em 120 páginas”.

Para desenvolver este trabalho, recuperou-se parte da escassa bibliografia histórica sobre a cidade de Itapetininga, cujo acervo foi localizado por meio do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga, o IHGGI. O texto foi dividido em três seções, partindo-se de questões emergentes a respeito da relação da Escola Normal com a cidade, seguidas pelo esforço de tentar incluir o senhor Peixoto Gomide em Itapetininga. Ao final, depois de cotejar os achados da literatura com o vivido pela cidade, fica reconhecida a importância da Escola Peixoto Gomide de Itapetininga para a cultura local, mesmo com a ausência de seu patrono na história itapetiningana.

QUESTÕES HISTÓRICAS SOBRE A ESCOLA NORMAL DE ITAPETININGA

A Escola Normal de Itapetininga constitui o único exemplar entre os prédios das escolas normais formado por um conjunto de três edificações: a central, destinada à Escola Normal, para formação de professores; e duas laterais, a Escola Modelo Preliminar e a Escola Modelo Complementar, que correspondiam aos dois primeiros níveis do ensino elementar instituídos pelo Estado. O projeto arquitetônico, assim como o da Escola Normal da Capital, é de autoria de Ramos de Azevedo (VALECK, 2015, p. 43).

Três edifícios compõem o conjunto projetado por Ramos de Azevedo (figura 05). Aos visitantes e, possivelmente, a certa parcela da população itapetiningana, a existência de Três Escolas estaduais em um único quarteirão no centro da cidade pode soar como uma realização sem sentido. Afinal, cada um dos edifícios abriga uma escola distinta – todas no mesmo local. No entanto, havia uma ideiação muito coerente nos esboços de Ramos de Azevedo: os professores seriam formados na Escola Normal, tendo a oportunidade ímpar de aprender o ofício diretamente no campo de trabalho, primeiro na Escola Modelo Preliminar, depois na Complementar. Parece, no entanto, que apesar desse conceito pedagógico bem projetado, sua execução não logrou com tanto êxito.

Figura 05: O conjunto das Três Escolas.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Ao recuperar a história da concepção do conjunto das Três Escolas, Oracy Nogueira (1962, p. 464) explica que no ano de 1894 apenas uma escola havia sido instalada na cidade, porém, em prédio provisório. Essa escola passou a funcionar na sede própria, a construção projetada por Ramos de Azevedo, alguns anos mais tarde, em 1901. Dez anos depois, finalmente, a Escola Normal iniciaria suas operações, no prédio que, em 1906, foi batizado em homenagem à Peixoto Gomide – que também deu nome à Avenida e à Praça frontispícias. Como visto no Anuário de Educação do Estado de São Paulo 1907-1908, por um ato do Secretário do Interior, em Julho de 1906, “passou o Grupo a denominar-se ‘Peixoto Gomide’ em atenção aos grandes serviços prestados pelo falecido Senador Francisco de Assis Peixoto Gomide”.

O valor patrimonial desse conjunto foi oficialmente reconhecido no ano de 2002, por meio da resolução número 188 de 12 de dezembro do CONDEPHAAT, publicada no Diário Oficial do Estado no ano seguinte, no dia dois de janeiro. Essa resolução reconhece o conjunto como obra de Ramos de Azevedo, sendo o edifício central – a Escola Peixoto Gomide – uma versão muito próxima, ainda que menor, da primeira e mais importante escola republicana, a Caetano de Campos, na Praça da República, projetada pelo mesmo arquiteto. A referida resolução qualifica o conjunto escolar como uma das mais consideráveis contribuições “urbanístico-arquitetônicas” do poder público ao interior paulista. Por fim, mas não menos valioso, o CONDEPHAAT afirma se tratar de “uma das mais imponentes criações da arquitetura escolar paulista”.

Nesse sentido, não resta dúvidas de que o conjunto escolar edificado no centro de Itapetininga é de alto valor patrimonial e simbólico para a educação, arquitetura e história paulistas, sendo motivo de orgulho para os habitantes da cidade. Não obstante, dessa evidente constatação emergem dúvidas a

respeito de sua própria grandiosidade. Primeiro, por que essa obra única foi construída em Itapetininga? Segundo, quem foi Peixoto Gomide para a cidade, digno de tamanha honra?

Somente uma incursão pela história de ambos pode emitir alguma luz sobre tais questionamentos. A dificuldade deste empreendimento está, sobretudo, na modesta literatura qualificada sobre a cidade e na reduzida materialidade documental, localizada e preservada, capaz de explicar a implantação da escola nessa cidade. Parece sensato, então, minuciar as referências existentes, cotejando-as em busca de conformidades, convergências e parencas – se possível. Essa investigação pelo passado começa pela inclusão da cidade no contexto paulista.

De acordo com Nogueira (1962, p. 180-191), o desenvolvimento de Itapetininga teria acontecido em três estágios, sendo o primeiro o da ocupação cultural (de 1600 a 1870), o segundo o da consolidação das instituições (1870 a 1900) e o terceiro o da diversificação material, tendo iniciado na aurora do século passado, estendendo-se até o momento da realização de sua pesquisa, nos anos 1950. Segundo o autor, somente em meados de 1820 o lugar teria uma população permanente, e as primeiras famílias de uma camada social compatível, econômica e politicamente, com os fazendeiros, fixariam residência na década de 1850. Isso faria com que a vila fosse elevada à sede de comarca no ano de 1852 e à categoria de cidade, em 1855. Quanto à educação formal, pública e gratuita, esta se iniciaria no ano de 1894 – no estágio institucional – pois tudo o que havia eram esparsos estabelecimentos de ensino, criados por iniciativa dos próprios moradores. Nas suas palavras:

[...] em 1894, o Governo Estadual se decide a instalar, em Itapetininga, o primeiro estabelecimento oficial de formação de professores normalistas, de todo o interior do Estado, que, em seus primeiros anos, funcionará como escola complementar, tendo anexa uma escola modelo, para a prática dos futuros mestres (NOGUEIRA, 1962, p. 186).

Segundo Nogueira (1962, p. 462), os créditos à criação da escola são do Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, militar nascido no ano de 1855 no distrito itapetiningano de Angatuba, que teria adquirido prestígio estadual por ter mobilizado suas forças armadas contra os rebeldes federalistas sulistas, tornando-se vice-presidente do Estado e um dos mais respeitados políticos do Partido Republicano Paulista. Ainda, explica o autor, Fernando Prestes era aliado do senador Peixoto Gomide que, nos anos 1890, mantinha residência temporária em Itapetininga, sendo seu irmão, Gabriel Gomide, Juiz de Direito da cidade – Abuazar (1974, p. 44) também menciona Gabriel como Juiz da cidade, nessa mesma época. Essa aliança política teria sido decisiva para que Bernardino de Campos, o Presidente do Estado de São Paulo à época, assinasse decreto de número 245, publicado no Diário Oficial, no dia 20 de julho de 1894. Esse decreto designava Itapetininga como sede da primeira Escola Normal do interior – a que foi, então, projetada por Ramos de Azevedo e, segundo Fidêncio (1986, p.28) executada pelo engenheiro Ricardo Calcagno.

Percebe-se, portanto, que as ideias de educação republicanas, delineadas pelo arquiteto que trazia transformações de estilo e estrutura para capital, lograram êxito por causa dos atos de dois principais políticos: Fernando Prestes e Peixoto Gomide. Como já delineado, estes não se tornaram vultos de um passado longínquo, esquecidos pelo tempo ou, como preconizou Pierre Nora (1993), por causa de um possível fim da memória. Ambos os políticos foram resguardados na memória coletiva da cidade de Itapetininga por causa da materialidade das escolas que ajudaram a edificar. Segundo esse autor, existe grande diferença entre memória e meros “restos” da história: enquanto a memória preconiza o reconhecimento do passado como elemento fundamental para compreensão da identidade, possibilitando que a continuidade ou ruptura seja uma escolha consciente e acertada, os “restos” apenas arquivam o

tempo pretérito, que jamais será atualizado nem revisitado. Para Pierre Nora (1993, p. 27), a existência e a preservação do que ele nomeia como lugares de memória são atitudes que potencializam a memória, pois, “recolhido sobre seu nome”, afirma, um lugar de memória pode estar “constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.

Com isso, constata-se que as Três Escolas foram construídas por conta da articulação política de dois ilustres políticos, amicíssimos, como foram designados por Abuazar (1974). Mas, teriam sido os esforços de ambos que lograriam êxito na edificação das escolas? Ademais, se formos considerar a seguinte afirmação de Hehil Abuazar (1974), seria um quiproquó nomear um dos mais conhecidos patrimônios da cidade como “Peixoto Gomide”? Afinal, segundo Abuazar (1974, p. 79) “todas as escolas de Itapetininga costumam ter nomes de professores ilustres”, sendo que a mais prestigiada leva o nome de um político paulistano, ao invés de um mestre itapetiningano.

Assim, além de identificar hipóteses que poderiam esclarecer o batismo da escola central, outra dúvida insurge: seriam os edifícios escolares lugares de memória ou “restos” dos primórdios republicanos?

ITAPETININGA, POLÍTICOS E A ESCOLA NORMAL

Deixamos para os mais novos a tarefa de perpetuar a imagem recente das personalidades mais marcantes desta nossa gente, destes nossos conterrâneos que servirão sempre de exemplo aos mais jovens, despertando neles o espírito cívico de amor a nossa terra (OLIVEIRA Jr; OLIVEIRA, 2008, p. 133).

O desafio deixado como legado por Oliveira Jr. e Oliveira (2008) diz respeito a uma ação muito importante para a identidade de Itapetininga: localizar, recuperar e registrar as pessoas que, ao longo de sua história, tiveram participação em seu desenvolvimento cultural, seja pela educação, economia, urbanização, artes etc. consolidando possibilidades e cultivando futuros empreendimentos, de qualquer natureza. Interessa aqui tentar compreender a participação dos dois nomes mais citados como responsáveis pela criação da Escola Normal: Fernando Prestes e Peixoto Gomide.

Não obstante, escasso material bibliográfico foi localizado sobre os dois principais vultos que teriam concretizado as Três Escolas em Itapetininga, naquele momento inicial do país republicano. Da análise dessa literatura, observa-se que Fernando Prestes teve uma relação muito mais significativa com a cidade do que Peixoto Gomide. Por exemplo, Hehil Abuazar (1974, p. 19) expressa que, no dia 20 de junho de 1855, nasceu Fernando Prestes de Albuquerque, “o cidadão que tanto iria destacar-se nos destinos de Itapetininga” e, em outro trecho do seu livro, anota que “o saudoso cel. Fernando Prestes foi o cidadão mais útil e prestativo de todos os tempos, para não falar da Escola Normal, que aqui foi instalada graças a ele”.

Segundo Antônio Sérgio Ribeiro (2015a), o coronel Fernando Prestes de Albuquerque não nasceu no dia 20, mas no dia 26 de junho de 1855, nas cercanias de Itapetininga – em local onde hoje seria a cidade de Angatuba – tendo realizado seus primeiros estudos em território itapetiningano. Depois, estudou em Sorocaba e, na sequência, na capital. De acordo com Ribeiro (2015a), “ao término dos estudos regressou à sua cidade, para se dedicar inicialmente à agricultura, como proprietário rural”.

Em pouco tempo, passou a advogar na cidade, ao mesmo tempo em que se dedicava ao que se pode denominar de causas republicanas. Como membro da elite, agremiava-se com outros, logo se vertendo no maior representante do Partido Republicano Paulista, o PRP, de toda região. Em 1892, mudou-se para a capital, como deputado. Em 1893, apresentou-se de volta, como militar responsável por defender o sul do estado, comandando tropas na sua região natal. Ribeiro (2015a), ao escrever sobre a vida

de Fernando Prestes, foca nas suas conquistas políticas, mencionando, aqui e ali, momentos em estava em sua propriedade agrícola em Itapetininga – a fazenda Araras – onde criava cavalos para o exército. Entre idas e vindas políticas, foi exilado na década de 1930, retornando à capital, onde faleceu aos 82 anos de idade.

Sem muitos esclarecimentos, Ribeiro (2015a) apenas menciona que, antes de sua morte, no ano de 1935 foi criado município homônimo em sua homenagem, por meio de decreto estadual, n. 7354, de cinco de julho de 1953, assinado pelo governador Armando de Salles Oliveira – curiosamente, Fernando Prestes, o município, está localizado cerca de 340 quilômetros de Itapetininga. Outra menção, *en passant*, feita por Ribeiro (2015a) é que “o primeiro grupo escolar de Itapetininga, por ele construído, também leva seu nome”. No entanto, além de impreciso, pois o grupo escolar é composto por Três Escolas com nomes distintos, não se esclarece se o grupo foi batizado antes ou depois de seu falecimento, nem como ou porque se logrou tal tributo.

Nos volumes sobre a genealogia de Itapetininga de Nogueira (2008; 2005) há poucos dados a respeito de ações realizadas em prol da cidade por Fernando Prestes de Albuquerque, mas há relevantes informações sobre seus descendentes e como estes se relacionaram de forma benemerita com a cidade. No livro “Os homens que governaram São Paulo”, Alves (1986, p. 125-126) faz pouca referência à relação de Fernando com Itapetininga, apenas mencionando-a como local de nascimento do coronel e governador do estado. Destaca como significantes produtos de sua liderança política a fundação do Instituto Butantã e do Complexo Hospitalar de Juqueri, sem qualquer alusão às escolas normais ou complementares de Itapetininga. Por fim, Oliveira Jr e Oliveira (2008, p. 119-120), marido e esposa, ao publicarem suas memórias sobre Itapetininga, no ano em que completaram 93 e 81 anos, respectivamente, apresentaram Espírito Santo da Boa Vista – uma das paragens de Itapetininga – como local de nascimento de Fernando Prestes de Albuquerque. Ao afirmar que o Coronel é “vulto benemerito” do qual a cidade não pode olvidar de seus serviços, e que a população deve respeitá-lo e admirá-lo, os autores das “Memórias de Itapetininga” pouco especificam seus feitos louváveis. Exceto, é claro, a criação da Escola Normal, em parceria com o Dr. Peixoto Gomide.

A respeito da vida – particular e/ou política – de Francisco de Assis Peixoto Gomide Júnior, nada foi registrado nos dois densos volumes de José Luiz Nogueira (2008; 2005) a respeito da genealogia da cidade, levando à possível inferência de que Peixoto Gomide pouco tenha participado da vida itapetiningana. Da mesma forma, foram localizadas, no texto de Ribeiro (2015b), poucas evidências que poderiam justificar o fato de seu nome ter batizado uma das mais (senão a mais) conhecidas e imponentes construções da cidade e a segunda escola mais importante do estado paulista, nos primeiros anos republicanos. Segundo esse autor, foi notório seu comprometimento com o estado, durante seu mandato como presidente ou vice, apoiando financeiramente Santas Casas e a educação aos mais pobres, implementando Escolares Normais em Itapetininga, mas também em São Paulo, Campinas e Piracicaba.

Por outro lado, Antônio Sérgio Ribeiro (2015b) dedica meia dúzia de linhas ao falecimento de Peixoto Gomide: teria se suicidado com um disparo de arma de fogo na cabeça, após assassinar com um tiro sua filha, que estaria noiva de seu próprio filho bastardo. Isso aconteceu no ano de 1906. Há evidências de que Peixoto Gomide se matou: seu nome foi listado por Toledo (1999, p. 255-256) no “dicionário de ilustres suicidas”, onde a conjectura de que se matou com um tiro depois de alvejar a filha porque tinha se noivado com seu espúrio filho é mais bem detalhada. Tal ocorrência se deu na cidade de São Paulo, onde Peixoto nasceu, em 1849, viveu e governou. O assassinato de sua filha Sophia, e consequente suicídio, aconteceram, provavelmente, no dia 20 de janeiro de 1906 – no mesmo ano que a escola de Itapetininga teria sido batizada em sua homenagem.

De acordo com Toledo (1999), essa tragédia paulistana teve como motivador a paixão recíproca de Sophia pelo promotor público, e poeta, Manuel Baptista Cepelos, mestiço que nasceu em Cotia e cresceu sem a presença de seu pai. Não obstante, apesar dos hiatos no texto, pode-se inferir que Peixoto Gomide sabia ser o pai de Cepelos, fruto de um relacionamento extraconjugal. Daí, ao saber que seus filhos pretendiam se unir em matrimônio e que já havia sido consumado o incesto, Peixoto Gomide atirou, fatalmente, contra Sophia, tirando sua própria vida, em seguida. Indiretamente, essa atitude de Gomide teria terrível participação na prematura interrupção da vida de Cepelos, cujo nome também veicula no “dicionário de ilustres suicidas” de Toledo (1999, p. 93-94). O patético assassinato de sua amada, pelo próprio sogro suicida, teria levado Cepelos à depressão e ao alcoolismo. Mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde viveu como indigente até descobrir, em 1915, que Peixoto Gomide era seu pai. Foi ao alto de uma pedreira, e se atirou ao solo.

A história é contada de forma similar por Alves (1986, p. 124-125), que também evidencia tanto a memorável história política quanto a tragédia familiar que envolveram a vida de Peixoto Gomide. Há poucas dissonâncias com a literatura já abordada, sendo a filha Sophia nomeada de Sônia. Outra distinção está no suicídio daquele que seria genro de Peixoto Gomide, pois Alves (1986) considerou essa ação como o fim de pacífico para nove anos de tormento, sem nada mencionar sobre a suposta relação de paternidade entre ambos.

No entanto, há uma breve passagem na redação de Alves (1986) que permite estabelecer mínima conexão entre Francisco de Assis Peixoto Gomide e a cidade de Itapetininga, onde está a honrosa construção escolar em seu tributo. De acordo com o autor, Peixoto foi responsável por alavancar a carreira do noivo de sua filha, envolvendo-se em suas promoções, como promotor público, para Sarapuí – cidade adjacente – e depois Itapetininga. Isso permite apenas conjecturar que havia algum tipo de relacionamento entre Peixoto e a cidade de Itapetininga, pois parecia existir algum planejamento para que sua filha Sophia se casasse com o promotor público de lá, onde provavelmente residiria e constituiria família – não fosse o desfecho dramático e sepulcral.

Oliveira Jr e Oliveira (2008, p. 57) apresentaram pequena passagem sobre a possível relação entre o Senador Peixoto Gomide, a cidade de Itapetininga, o Coronel Fernando Prestes, e a Escola Normal. No livro “Memórias de Itapetininga”, seus autores anotaram que Peixoto Gomide mantinha residência periódica na cidade, porque seria “amante das caçadas de perdizes em nossos campos”. Essa possível presença e residência do Senador teriam sido motivadores para a amizade com Fernando Prestes, sendo esse laço fraterno alicerce para que a primeira Escola Normal do interior paulista fosse criada em Itapetininga.

Ainda assim, é curioso notar que no capítulo final de suas memórias, nomeado “Biografias”, Oliveira Jr e Oliveira (2008, p. 115-132) apresentam dados da vida de “personalidades ilustres que surgiram até 1932 no cenário de Itapetininga e muito contribuíram para seu progresso”. No entanto, enquanto o nome de Fernando Prestes veicula dentre os 19 notáveis, Peixoto Gomide foi brevemente mencionado nessa seção do livro, em um dos parágrafos destinados a enaltecer Fernando Prestes, especificando que o Dr. Peixoto colaborou com a criação da Escola Normal, tendo sido esta conquistada pelo Coronel Fernando. Assim, ao concluir o livro com suas memórias itapetininganas, Oliveira Jr e Oliveira (2008) afirmaram ter logrado êxito nas tarefas de recuperar e de registrar, com clareza, o que deve permanecer na memória coletiva o que consideraram como “um passado inesquecível para a cidade” – mesmo que muito pouco tenha sido esclarecido a respeito da relação Gomide-Prestes-Escola-Itapetininga.

Hehil Abuazar (1974, p. 37), nas suas memórias sobre sua vida em Itapetininga, deixou registrado algumas informações que podem lançar alguma luz sobre como teria iniciado a relação entre o Dr. Peixoto

Gomide e o Cel. Fernando Prestes: aparentemente os renomados políticos gostavam de caçar na propriedade de uma figura conhecida da cidade, o Nhonhô Pereira, entre o final do século XIX e o começo do XX. Nessa mesma época, explica Abuazar (1974, p. 45), Nhonhô Pereira, Júlio Prestes (filho de Fernando) e Gabriel Peixoto, Juiz de Direito, irmão do Dr. Peixoto Gomide, gostavam de promover festas em suas casas, “homenageando grandes políticos”.

Ao escrever sobre Itapetininga (ontem e hoje), Carlos Fidêncio (1986, p. 353-364) conseguiu colocar Peixoto Gomide na cidade de Itapetininga, mas não por causa de interesses políticos, nem mesmo pela relação com o Coronel Fernando Prestes. O que é apresentado por esse autor é uma relação fraterna entre o senador paulistano e o Major Manoel Pereira de Moraes, o Nhonhô Pereira, “melhor amigo e maior cabo eleitoral” de Peixoto, além de fazendeiro em Espírito Santo da Boa Vista (atual Angatuba). Essa relação pode ser recuperada pela memória dos descendentes do Nhonhô, bem como pela existência de cartas trocadas entre os dois amigos, na época limítrofe entre os séculos XIX e XX, cujo conteúdo versava sobre as saudosas caçadas, regalos recebidos e questões políticas.

Na tese de Maria Lisboa (2008), as cartas também são tidas como evidência material a respeito da proximidade do Dr. Peixoto Gomide com a cidade de Itapetininga, sendo que este escrevia para aquele, a respeito das caçadas que faziam nessas terras. Segundo a autora:

Das correspondências endereçadas ao Major Pereira, coligidas e ordenadas, muitas delas inéditas ao cenário sociocultural e político local e do Estado de São Paulo, pode-se aquilatar a dimensão das reciprocidades entre os missivistas, sobretudo, a importância do relacionamento entre Peixoto Gomide e o Major Pereira. Em 20 de janeiro de 1906, faleceu Peixoto Gomide na cidade de São Paulo e desde então não se encontrou em outras cartas os pormenores factuais, o diálogo político duradouro, denso, que se foi constituindo ao largo do tempo entre esses dois amigos. As caçadas, por exemplo, contribuíram sobremaneira para fortalecer as afeições mútuas, a evolução de amizade entre os seus participantes, mas foram-se extinguindo com a ausência de Peixoto Gomide e esse processo culminou com o falecimento do Major Pereira, em 23 de janeiro de 1913 (LISBOA, 2008, p. 239).

As correspondências recuperadas por esses autores corroboram com a aliança estabelecida entre o político paulistano que batizaria a Escola Normal no ano de seu falecimento, 1906, e o fazendeiro local o Major (ou Nhonhô) Pereira, tendo sido ocasionada principalmente pelo interesse mútuo na caça como lazer. O que se infere das cartas trocadas é que Peixoto Gomide vinha a Itapetininga, cidade onde seu irmão era juiz de direito, em busca de entretenimento – caçar perdizes nas fazendas. Esses momentos de confraria, no qual estariam presentes políticos e coronéis locais e da capital, seriam aqueles que estabeleceram sólidas relações fraternas e de interesses políticos, perfazendo na criação da Escola Normal em Itapetininga, na aurora do Partido Republicano, sendo a primeira do interior paulista. Mais salutar ainda, com projeto arquitetônico singular, assinado por Ramos de Azevedo.

Ao final, imperativo destacar que Fidêncio (1986) e Lisboa (2008) não estabelecem a relação de Peixoto com Prestes, como fizeram os demais autores. Por outro lado, apresentam evidências concretas – as cartas – conquanto toda literatura consultada, exceto Nogueira (1962), são produtos da memória e da relação afetiva com a cidade e/ou as pessoas itapetininganas. Não obstante, toda bibliografia consultada é válida, pois tanto o documento quanto a lembrança podem retratar e/ou recuperar os eventos pretéritos de forma fidedigna e/ou tendenciosa. Por isso, todas as hipóteses levantadas são plausíveis e fazem sentido quando postas para explicar a origem da Escola Normal em Itapetininga. O que talvez não tenha sido esclarecido com profundidade foram os motivos, os responsáveis e os procedimentos para o batismo da renomada Escola Normal como Peixoto Gomide. Reiterando, não foi possível sequer encontrar qualquer menção a essas questões ao longo da pesquisa. No entanto, Peixoto Gomide é elemento fundamental tanto

para a memória coletiva da cidade, quanto para sua vida cultural. Peixoto Gomide, a escola.

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PEIXOTO GOMIDE PARA ITAPETININGA

A história da Escola Normal “PEIXOTO GOMIDE”, o educandário que tanto tem honrado o ensino de São Paulo e do Brasil, começa logo após a proclamação da República, quando aqui aportou o ilustrado democrata e chefe republicano Dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide (GALVÃO Jr., 1956, p. 252).

Em toda literatura recuperada e consultada, Galvão Jr. (1956) foi o único que atribuiu tantos predicados elogiosos a Peixoto Gomide, tido como amante da cinegética (arte da caça com cães), tendo sido o candidato republicano que mais teve votos do colégio eleitoral de Itapetininga. Ainda, sem elencar qualquer evidência, esse autor apenas menciona que Peixoto teria morado na cidade no ano de 1893. Galvão Jr. (1956) dedica algumas páginas a uma possível disputa entre Tatuí e Itapetininga para sediar a primeira Escola Normal do interior, mas Tatuí não contou com o apoio de Peixoto. Os demais autores relacionam Peixoto com a criação da escola, mas atribuem crédito maior ao Coronel Fernando Prestes. A cidade, por sua vez, parece em dúvida, afinal, qual a distinção que Itapetininga faz de ambos em seu registro memorial público? Vejamos.

Os logradouros públicos batizados com o nome dos dois políticos estão no centro, são perpendiculares e tornam-se arestas da praça das Três Escolas, além de abrigarem importante feira-livre às quintas-feiras e aos domingos. A Avenida Peixoto Gomide não toca as Escolas e tem cerca de 400 metros de comprimento, enquanto a Rua Fernando Prestes ladeia escola homônima, e chega a 1200 metros de extensão.

Enquanto não há nenhuma praça em tributo a Prestes, o referido encontro da Avenida com a Rua forma um vértice do quadrilátero nomeado Praça Peixoto Gomide, localizada bem em frente às Três Escolas. Não obstante, a população se refere ao local como Praça das Três Escolas. Nessa praça e na praça adjacente, há esculturas que imortalizam esses dois políticos. Essa materialidade pode ser observada com calma, pois, provavelmente, revela o sentido de gratidão da cidade a cada um deles...

Peixoto foi imortalizado na forma de um busto sobre um pedestal, como que mirando a imponente Escola Normal que leva seu nome. Está no centro da Praça homônima, pouco visível dos locais de grande fluxo de pessoas (exceto nos dias de feira-livre), mas está pichado (figura 06). A presença de seu busto no epicentro da Praça é uma forma de representação pública sobre a importância local dada ao político laureado com brioso patrimônio cultural, pois está afixado onde grande parte da vida cotidiana de Itapetininga se desenvolve. Sua face está voltada para a escola, como que observando o fruto de sua grande contribuição à cidade e todos seus efeitos positivos.

Figura 06: Busto de Peixoto Gomide.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Já as esculturas que homenageiam Fernando Prestes, instaladas na praça ao lado e em frente ao fórum municipal, não se limitam à reprodução de um único busto. Duas estátuas de corpo inteiro prestam tributo ao Coronel e seu filho Júlio Prestes, eleito presidente da república em 1930. Além de estarem bem vestidos, de gravata e sobretudo, há imagens retratando as contribuições de Fernando para o estado de São Paulo, incluindo o Complexo Hospitalar Juqueri e o Instituto Butantã. Nesse monumento, é possível reconhecer suas contribuições para a cidade de Itapetininga, colaborando para sua inclusão nos cenários educacional, político, econômico do estado paulista e até mesmo nacional.

Figura 07: Estátuas Prestes.



Fonte: Carolina Rodrigues Cunha, 13 jan. 2016.

Por fim, e certamente não menos importante, está a questão a respeito do batismo das escolas. Pois, enquanto Peixoto foi honrado com o prédio central, a Escola Normal, o nome de Fernando Prestes foi dado a uma das escolas complementares anexas. Isso, no entanto, pode ser esclarecido pela data de falecimento de ambos: 1906 e 1937, respectivamente.

Não obstante, depois de recuperar parte da literatura que contém registros memoriais de itapetininganos sobre sua cidade vivida, os outros textos históricos que trazem anotações sobre a implantação e a arquitetura do Conjunto Três Escolas, e as notas biográficas, tanto sobre Fernando Prestes quanto Peixoto Gomide, ainda restam inquietações sobre a escolha deste para dar nome a uma das construções mais representativas da educação paulistana, e a mais distinta da cidade e de toda sua mesorregião. Teria sido apenas um tributo advindo do clientelismo político e da referência do político à educação estadual? Pois há indícios de que pois sua relação com Itapetininga foi mínima.

Mas, a célebre Escola Normal “Peixoto Gomide”, afirmou Abuazar (1974, p. 24), tem sido, desde sempre, o orgulho da cidade, seja apenas pela sua localização central, seja pela importância histórica adquirida como a primeira dessa natureza instalada no interior paulista, ou por ter sido concebida por Ramos de Azevedo ainda no século XIX, seja por ter celebrado um centenário de existência etc. etc. Com isso, o que se ressalta é que, ao final dessa “arqueologia” pela memória coletiva da cidade de Itapetininga, a cidade sente-se satisfeita por ufanar duas coisas: (1.) as ações e a genealogia do ilustre Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, e (2.) a Escola Estadual Peixoto Gomide, localizada no coração de Itapetininga, responsável por formar milhares de professores militantes na educação paulistana, além de graduar muitos jovens que fizeram carreira, deram continuidade aos estudos e se sentem muito honrados de poder enunciar que foram alunos “do Peixoto”. Isso evidencia a importância dessa escola não apenas como parte da memória coletiva, mas como patrimônio cultural desta cidade no sudoeste paulista.

REFERÊNCIAS

- ABUAZAR, H.. **Um adeus em cada esquina**: recordações de nossa gente – história de Itapetininga. São Paulo: editora Cupolo, 1974.
- ALVES, O.R.. **Os homens que governaram São Paulo**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- FIDÊNCIO, C.. **Itapetininga ontem – hoje**. Itapetininga: Editora Cehon, 1986.
- GALVÃO Jr., A.. **Itapetininga e sua história**. São Paulo: Gráfica Biblos, 1956.
- LEMOS, C.A.C.. Apresentação. In: CARVALHO, M.C.W.de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000, p. 11-12.
- LISBOA, M.A.M.. **A política dos coronéis e a difusão do ensino primário em Angatuba/SP (1870-1930)**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), 2008.
- NOGUEIRA, J.L.. **Genealogia de uma cidade: Itapetininga**. Vol. II. Itapetininga: edição do autor, 2008.
- NOGUEIRA, J.L.. **Genealogia de uma cidade: Itapetininga**. Vol. I. Itapetininga: edição do autor, 2005.
- NOGUEIRA, O.. **Família e comunidade**: um estudo sociológico em Itapetininga. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962. 559 p.
- NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA JR, J.O.de; OLIVEIRA, T.de J.C.. **Memórias de Itapetininga**. São Paulo: edição do autor, 2008.
- RIBEIRO, A.S.; PRESTES, F.. In: ABREU, A.A.de. **Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- CPDOC/FGV, 2015a. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/dicionarioprimeirarepublica>, acesso em 28 nov. 2015.
- RIBEIRO, A.S.; GOMIDE, P.. In: ABREU, A.A.de. **Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- CPDOC/FGV, 2015b. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/dicionarioprimeirarepublica>, acesso em 28 nov. 2015.
- SÃO PAULO. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. São Paulo: Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado, 1907-1908.
- SILVA, M.A.de O.V.. **Dedicatória**. In: ESCOLA Estadual Peixoto Gomide: 120 anos em 120 páginas. Itapetininga: EE Peixoto Gomide, 2014.
- TOLEDO, J.M.A.. **Dicionário de ilustres suicidas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- VALECK, F.de O.. **Patrimônio Escolar**: para além da arquitetura, a materialidade do patrimônio histórico nas escolas paulistas. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP, 2015.